

Ganbador do Prêmio RITA de Melhor Romance Histórico

LORETTA CHASE

O Príncipe das Canalhas



ARQUEIRO

*O Príncipe
dos Canalhas*



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como O menino do dedo verde, de Maurice Druon, e Minha vida, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou Muitas vidas, muitos mestres, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu O Código Da Vinci antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

LORETTA CHASE

*O Príncipe
dos Canalhas*



O PRÍNCIPE DOS CANALHAS

Loretta Chase

Título original: *Lord of Scoundrels*

Copyright © 1995 por Loretta Chekani

Copyright da tradução © 2015 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

Tradução: Ivar Panazzolo Junior

Preparo de originais: Flávia Midori

Revisão: Ana Grillo e Carolina Rodrigues

Projeto gráfico e diagramação: Abreu's System *capa:*
DuatDesign

Imagem de capa: Lee Avison / Trevillion Images *adaptação para
ebook:* Marcelo Moraes CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA

PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
C436p

Chase, Loretta

O príncipe dos canalhas [recurso eletrônico] / Loretta Chase
[tradução de Ivar Panazzolo Junior]; São Paulo: Arqueiro, 2015.
recurso digital

Tradução de: Lord of scoundrels Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions Modo de acesso:
World Wide Web ISBN 978-85-8041-400-4 (recurso eletrônico) 1.
Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Panazzolo Junior, Ivar . II.

Título.

CDD: 813

15-20645

CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por Editora Arqueiro
Ltda.

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia 04551-060
– São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

www.editoraarqueiro.com.br

PRÓLOGO

Na primavera de 1792, Dominick Edward Guy de Ath Ballister, terceiro marquês de Dain, conde de Blackmoor, visconde de Launcells, barão de Ballister e Launcells, perdeu esposa e quatro filhos para o tifo.

Embora houvesse se casado em obediência às ordens do pai, lorde Dain aprendeu a respeitar a esposa que lhe deu três belos garotos e uma linda menininha. Ele os amava o máximo que podia.

Mesmo assim, não era muito, de acordo com os padrões da época. Não fazia parte da natureza de lorde Dain amar alguém. Dedicava seus sentimentos às suas terras, principalmente Athcourt, o lugar que pertencia à família desde tempos ancestrais em Devon. Sua propriedade era sua amante.

Tratava-se de uma amante cara, e ele não era o mais rico dos homens. Portanto, na idade avançada de 42 anos, lorde Dain viu-se obrigado a casar-se novamente, para satisfazer às exigências da amante – e desposar alguns barris de dinheiro.

No final de 1793 ele conheceu, cortejou e casou-se com Lucia Usignuolo, a filha de 17 anos de um nobre florentino.

A sociedade ficou chocada. A linhagem dos Ballisters remontava à época dos saxões. Sete séculos antes, um deles havia se casado com uma dama normanda e recebera o título de barão de William I como recompensa. Desde então, nunca mais um Ballister se casou com uma estrangeira. A sociedade concluiu que a mente do marquês de Dain estava transtornada pelo luto.

Poucos meses depois, ele mesmo começou a desconfiar de que realmente havia perdido a razão por algum motivo. Tinha se casado, imaginava, com uma bela garota de cabelos negros que o adorava e concordava com cada palavra que ele proferia. Entretanto, descobriu que se tratava de um vulcão adormecido. A tinta do contrato de casamento mal havia secado quando ela entrou em erupção.

Lucia era uma garota mimada, orgulhosa, impetuosa e temperamental. Extravagante e imprudente, falava muito e alto demais e ainda zombava das suas ordens. E o pior era que seu comportamento desinibido na cama o deixava horrorizado.

A única coisa que o fazia voltar àquela cama era o medo de que a linhagem dos Ballisters se extinguísse. Ele segurava a raiva e cumpria com suas obrigações. Quando a esposa engravidou, ele parou de fazer sexo com ela e começou a rezar fervorosamente por um filho varão a fim de que não tivesse que experimentar aquilo outra vez.

Em maio de 1795 a Providência Divina atendeu às suas preces.

Quando olhou a criança pela primeira vez, entretanto, lorde Dain começou a suspeitar de que seu pedido tivesse sido atendido pelo próprio Satanás.

Seu herdeiro era uma coisa verde e enrugada com grandes olhos negros, braços e pernas desproporcionais e um nariz grosseiro e exagerado. E chorava a plenos pulmões, sem parar.

Se pudesse negar que aquela coisa era seu filho, ele o faria. Mas não podia, pois na nádega esquerda da criança se encontrava a mesma mancha escura de nascença, cujo formato de balestra adornava a própria anatomia de lorde Dain. Todas as gerações de Ballisters exibiam a mesma marca.

Incapaz de negar que o monstrinho era seu, o marquês concluiu que aquilo só podia ser a consequência inevitável de atos conjugais lascivos e antinaturais. Em seus momentos mais sombrios, ele acreditava que sua jovem esposa era a dama de companhia de Satanás, e o garoto, a cria do Diabo.

Lorde Dain nunca mais voltou à cama dela.

O garoto foi batizado como Sebastian Leslie Guy de Ath Ballister e, de acordo com a tradição, recebeu o segundo maior título do pai: conde de Blackmoor. O título era bastante adequado, diziam alguns à boca pequena, pois a criança herdara as feições morenas, os olhos de obsidiana e os cabelos negros da mãe. Também ostentava o nariz dos Usignuolos, uma nobre tromba florentina criticada por uma infinidade de ancestrais maternos. O nariz ficava melhor no rosto dos homens adultos da família, cuja compleição era de escala monumental. Em um bebê desajeitadamente desproporcional, aquela característica se transformava num monstruoso bico.

Infelizmente ele também herdara a sensibilidade aguçada dos Usignuolos. Aos 7 anos, já tinha a noção exata de que havia algo de

errado com ele.

Sua mãe lhe comprara diversos livros ilustrados, todos muito bonitos. Nenhuma das pessoas retratadas se parecia com ele – exceto por um diabinho corcunda de nariz encurvado que se empoleirava no ombro do Pequeno Tommy e o convencia a fazer maldades.

Embora nunca tivesse percebido um diabinho sobre seu ombro nem ouvido qualquer sussurro, Sebastian sabia que devia ser amaldiçoado, já que sempre estava sendo repreendido ou açoitado. Ele preferia as surras que o tutor lhe aplicava; as reprimendas do pai faziam-no sentir calor e frio ao mesmo tempo, e parecia que seu estômago se enchia de pássaros, todos batendo as asas e tentando fugir, então suas pernas começavam a tremer. Mas ele não ousava chorar, porque não era mais um bebê, e a atitude apenas deixava o pai mais furioso. Uma expressão tomava-lhe o rosto, o que era ainda pior do que as palavras de repreensão.

Nos livros ilustrados, os pais sorriam para os filhos e os abraçavam e os beijavam. Às vezes sua mãe fazia isso, quando estava de bom humor, mas o mesmo não acontecia com o pai. Ele nunca conversava ou brincava com Sebastian. Nunca colocava o garoto sobre os ombros e o levava para passear, ou mesmo colocava em seu colo quando saía para cavalgar. O garoto montava o próprio pônei, e foi Phelps, um dos cavaleiros, quem o ensinou a montar.

Sebastian sabia que não podia perguntar à mãe o que havia de errado com ele e como remediar a situação. Aprendera a não falar muito – exceto quando dizia que a amava e que ela era a mãe mais bonita do mundo –, pois quase todo o resto a deixava irritada.

Certo dia, quando estava indo a Dartmouth, a mãe perguntou o que Sebastian queria que ela lhe trouxesse. Ele pediu um irmãozinho com quem pudesse brincar. Ela começou a chorar e ficou cada vez mais furiosa, gritando palavrões em italiano. Embora o garoto não soubesse o que significavam, sabia que eram palavras feias, porque, quando seu pai as ouvia, ele ralhava com a esposa.

Então eles começavam a brigar. E isso era pior até mesmo do que o choro da mãe e o olhar mais furioso do pai.

Sebastian não queria causar nenhum problema. Não queria que a mãe dissesse aqueles palavrões, porque Deus poderia ficar irritado, e ela acabaria morrendo e indo para o inferno. E, se isso acontecesse, ninguém mais o abraçaria nem beijaria.

Assim, não havia a quem Sebastian pudesse perguntar o que estava errado e o que fazer, exceto o Pai Divino. Mas Ele nunca respondia.

Então, um dia, quando o garoto tinha 8 anos, sua mãe saiu com a dama de companhia e não retornou.

Seu pai tinha ido a Londres e os empregados disseram a Sebastian que ela decidira ir até lá também.

Mas o pai não demorou a voltar, e a mãe não chegara com ele.

Sebastian foi chamado ao escritório. Seu pai, com uma expressão muito sombria, estava sentado atrás de uma imensa mesa, com a Bíblia aberta diante de si. Ordenou que ele se sentasse. Tremendo, o garoto obedeceu. Era tudo o que conseguia fazer. Não era capaz de falar. Os pássaros batiam as asas com tanta força em seu estômago que ele teve que se esforçar muito para não vomitar.

— Você deve parar de perturbar os criados com perguntas sobre sua mãe – disse-lhe o pai. – Não fale dela novamente. Ela é uma criatura maligna e demoníaca. Seu nome é Jezebel, e “os cães devorarão Jezebel no campo de Jezreel”.

Alguém gritava dentro da cabeça de Sebastian, tão alto que ele mal conseguia ouvir o pai. Mas ele parecia não escutar os gritos; estava olhando para a Bíblia.

— “Pois os lábios da mulher imoral destilam mel; sua voz é mais suave que o azeite” – recitou ele. – “Mas no fim é amarga como fel, afiada como uma espada de dois gumes. Seus pés descem para a morte; seus passos conduzem diretamente para a sepultura.” – Ele ergueu os olhos. – Eu renuncio a ela, e meu coração se alegra ao perceber que a corrupção saiu da casa dos meus pais. Não tocaremos mais nesse assunto.

Ele se levantou e tocou a sineta, e um dos lacaios levou o garoto dali. Mesmo com a porta do escritório fechada, mesmo enquanto descia rapidamente as escadas, os gritos na cabeça de Sebastian não paravam. Ele tentou tapar os ouvidos, mas a gritaria

continuou, e tudo o que conseguiu fazer foi abrir a boca e soltar um berro longo e terrível.

Quando o laçao tentou silenciá-lo, o menino o chutou e mordeu, desvencilhando-se do homem.

E todas aquelas palavras lhe saíram pela boca. Não foi capaz de contê-las. Havia um monstro dentro de si, e o garoto não conseguiu impedi-lo de sair. Ele pegou um vaso e jogou-o contra um espelho.

Agarrou uma estátua de gesso e derrubou-a no chão. Saiu correndo pelo salão nobre, gritando e quebrando tudo o que suas mãos conseguiam alcançar.

Os criados mais graduados correram quando ouviram o barulho, mas não conseguiram tocar a criança; todos tinham plena convicção de que o garoto estava possuído por demônios. Ficaram paralisados, congelados pelo horror, testemunhando o herdeiro de lorde Dain reduzir o Salão Nobre a um monte de escombros. Nenhuma palavra de censura, nenhum som, veio do andar superior. A porta do escritório do marquês permaneceu fechada, como se ele quisesse se proteger do demônio furioso.

Finalmente, a enorme cozinheira entrou no salão, pegou o garoto transtornado nos braços e, ignorando os socos e os chutes que ele tentava desferir, abraçou-o.

— Já chega, criança – murmurou ela.

Sem temer qualquer demônio ou mesmo lorde Dain, ela levou Sebastian até a cozinha e expulsou todos os auxiliares. Sentou-se em sua enorme cadeira diante do fogo e embalou o garoto que soluçava até que estivesse cansado demais para continuar chorando.

Como o restante dos criados, a cozinheira sabia que Lady Dain havia fugido com o filho de um rico comerciante. Não fora a Londres, mas a Dartmouth, onde embarcou num dos navios do amante e partiu com ele rumo às Índias Ocidentais.

O choro histérico de Sebastian, que falava sobre cães que comeriam sua mãe, fizeram com que a cozinheira sentisse um forte desejo de enfiar um cutelo no senhor da casa. O jovem conde de Blackmoor era o garotinho mais feio já visto por toda Devon – e talvez em toda Cornualha e Dorset também. Era dado a variações

de humor, irritava-se facilmente e, de modo geral, não se tratava de uma criança muito agradável. Por outro lado, era apenas um garotinho, que merecia receber algo melhor, pensava ela, do que o Destino tinha lhe dado.

Ela contou a Sebastian que seus pais não se davam muito bem e, por isso, sua mãe sentia-se tão infeliz que decidira fugir. Infelizmente, fugir era pior para uma dama do que seria para um menino, explicou a cozinheira. Era um erro tão grave que jamais poderia ser remediado, e Lady Dain nunca mais poderia voltar.

— Ela vai para o inferno? – perguntou Sebastian. – Meu pai disse que... – A voz dele vacilou.

— Deus vai perdoá-la – disse a cozinheira, firmemente. – Se Ele for justo e misericordioso, Ele a perdoará.

Em seguida, ela o levou para o andar de cima, expulsou a babá dos aposentos e o colocou na cama.

Depois que ela saiu, Sebastian sentou-se na cama e pegou a pequena imagem da Virgem Maria e do Menino Jesus que sua mãe lhe dera de presente. Abraçado ao retrato, ele rezou.

Havia aprendido todas as orações tradicionais da fé do pai, mas esta noite ele proferiu uma das preces que ouvira sua mãe entoar, segurando o longo terço nas mãos. Tinha ouvido aquela prece tantas vezes que já a sabia de cor, embora não houvesse aprendido muita coisa em latim para compreender todas as palavras.

— *Ave Maria, gratia plena, Dominus tecum, benedicta tu in mulieribus* – começou ele.

Ele não sabia que seu pai estava do lado de fora do quarto, escutando.

Não sabia que a prece papal, para lorde Dain, seria a gota d'água.

Duas semanas depois, Sebastian foi colocado numa carruagem e levado a Eton.

Após uma breve entrevista com o diretor, ele foi abandonado no imenso dormitório e deixado à mercê dos alunos da escola.

Lorde Wardell, o mais velho e o mais alto, olhou para Sebastian por um longo tempo e explodiu em risos. Os outros logo seguiram o exemplo. Sebastian ficou paralisado, escutando o que pareciam ser mil hienas ensandecidas.

— Não é de admirar que sua mãe tenha fugido – disse Wardell ao grupo quando conseguiu recuperar o fôlego. – Ela gritou quando você nasceu, imbecil? – perguntou ele ao garoto.

— Eu não sou imbecil – disse Sebastian, fechando os punhos.

— É o que eu disser que é, seu idiota – informou Wardell. – E eu digo que sua mãe deu no pé porque não suportou olhar para você nem por mais um minuto. Porque você parece uma lacraia suja.

— Com as mãos às costas, ele lentamente contornou o atarantado Sebastian. – O que me diz disso, imbecil?

O garoto olhou para os rostos zombeteiros que o fitavam. Phelps, o cavaliço, disse que ele faria amigos na escola. Sebastian, que nunca tivera ninguém com quem pudesse brincar, agarrou-se àquela esperança durante a viagem longa e solitária.

Não estava vendo nenhum amigo ali, apenas rapazes que o humilhavam – e todos bem maiores que ele.

— Eu fiz uma pergunta, seu verme – disse Wardell. – Quando seus superiores fazem uma pergunta, é melhor você responder.

Sebastian olhou firmemente nos olhos azuis do seu algoz.

— *Stronzo* – disse ele.

Wardell lhe deu um cascudo leve na cabeça.

— Nada dessa palhaçada macarrônica, imbecil.

— *Stronzo* – repetiu Sebastian, de forma audaciosa. – Você é um cagão.

Wardell ergueu as sobrancelhas claras e olhou para os camaradas reunidos ali.

— Ei, ouviram isso? – perguntou ele. – Não só ele é feio como Belzebu; também tem uma boca bem suja. O que devemos fazer com ele, pessoal?

— Jogá-lo pela janela – disse um.

— Afogá-lo – sugeriu outro.

— Na latrina – acrescentou um terceiro. – Ele está procurando por cocô, não é?

A sugestão foi recebida com um entusiasmo vociferante.

Em um instante, todos estavam sobre ele.

Enquanto estavam a caminho daquele destino cruel, os rapazes deram a Sebastian várias oportunidades de se retratar. Tudo o que

precisava fazer era lambe-lamber as botas de Wardell e implorar por perdão, e seria poupado.

Mas o monstro havia se apoderado dele, e Sebastian respondera atrevidamente com todos os insultos em inglês e italiano que conhecia.

Não foi a rebeldia que o ajudou naquele momento, mas certas leis da física. Por menor que fosse, seu corpo era desajeitado – os ombros ossudos, por exemplo, eram largos demais para caber na privada. Wardell apenas conseguiu enfiar a cabeça de Sebastian no buraco e segurá-lo ali até que ele vomitasse.

O incidente, para a irritação de Wardell e dos companheiros, não ensinou nenhum respeito ao verme. Embora dedicassem boa parte do tempo livre a educá-lo, Sebastian não aprendia. Zombavam da aparência do garoto, da mistura de sangue inglês e italiano, e criavam canções obscenas sobre sua mãe. Eles o seguravam pelos tornozelos sobre o parapeito de janelas, colocavam-no dentro de um cobertor com as pontas amarradas e jogavam-no de um lado para outro, escondiam roedores mortos em sua cama. Quando ficava sozinho – ainda que houvesse pouquíssima privacidade em Eton –, ele chorava de tristeza, ódio e solidão. Em público, xingava e brigava, mas sempre saía perdendo.

Entre os constantes abusos que sofria fora da sala de aula e os xingamentos dentro dela, Eton tentou arrancar dele qualquer sentimento como afeição, gentileza ou confiança. Os métodos da escola faziam aflorar o que havia de melhor em alguns garotos. Em Sebastian, despertaram o que havia de pior.

Aos 10 anos, o diretor o chamou para uma conversa e contou que a mãe dele morrera devido a uma febre nas Índias Ocidentais. Sebastian escutou a notícia em um silêncio pétreo. Saiu do gabinete do diretor e foi arrumar briga com Wardell.

O garoto era dois anos mais velho, tinha o dobro do tamanho e do peso de Sebastian, além de ser rápido. Mas, desta vez, o monstro dentro dele se transformou em uma fúria amarga, e ele lutou fria e silenciosamente, com esperteza e determinação, até conseguir derrubar o oponente e deixá-lo com o nariz sangrando.

Então, bastante ferido, Sebastian olhou para os outros garotos ao redor e deu um sorriso torto.

— Mais alguém? – perguntou ele, embora mal conseguisse reunir o fôlego necessário para formar as palavras.

Ninguém emitiu um som. Ao se virar para ir embora, os outros abriram caminho para ele.

Quando Sebastian já havia atravessado metade do pátio, a voz de Wardell quebrou o silêncio.

— Muito bem, imbecil! – gritou ele.

Sebastian parou de andar e olhou para trás.

— Vá para o inferno! – gritou em resposta.

O gorro de Wardell foi lançado ao ar, acompanhado por uma salva de aplausos e gritos. No instante seguinte, vários gorros voavam e todos os garotos vibravam, empolgados.

— Idiotas – resmungou Sebastian consigo mesmo.

Ele tirou um gorro imaginário, já que o seu fora rasgado e esfarrapado, sem chance de voltar a ser como era, e saudou-os como se estivesse no palco, embora de maneira bastante irônica.

Logo depois, foi cercado por garotos que riam, então erguido e colocado sobre os ombros de Wardell. E, quanto mais ele os insultava, mais os imbecis pareciam gostar daquilo.

Ele logo se tornou o melhor amigo de Wardell. E então, é claro, não houve mais nenhuma esperança para ele.

Entre todos os desordeiros que surravam e insultavam enquanto cresciam em Eton, o grupo de Wardell era o pior. Além das brincadeiras de mau gosto e o assédio aos habitantes indefesos, eles também apostavam dinheiro, fumavam e bebiam até cair – antes mesmo de atingirem a puberdade. E já começavam a requisitar os serviços de prostitutas.

Sebastian foi iniciado nos mistérios eróticos no seu décimo terceiro aniversário. Wardell e Mallory – o rapaz que dera a ideia de enfiá-lo na latrina – embebederam-no com gim, vendaram seus olhos e o jogaram de um lado para outro por mais de uma hora. Depois, fizeram-no subir um lance de escadas até um quarto que cheirava a mofo. Arrancaram suas roupas e, depois de tirarem a venda, saíram do quarto, trancando a porta.

No quarto havia um lampião que queimava um óleo malcheiroso, um colchão sujo de palha e uma garota gorducha, com cabelos louros cacheados, bochechas rosadas, grandes olhos azuis

e um nariz que não era maior que um botão. Ela olhou para Sebastian como se ele fosse um rato morto.

Ele não precisou pensar no motivo. Embora tivesse crescido cerca de 5 centímetros desde o aniversário anterior, ainda se parecia com um duende.

— Não vou fazer isso – disse ela. Sua boca se contorceu, teimosamente. – Nem por 100 libras.

Sebastian descobriu que ainda lhe restavam alguns sentimentos. Do contrário, ela não teria conseguido magoá-lo. Sua garganta começou a arder e ele queria chorar, *odiava* a mulher por lhe causar aquela sensação. Ela não passava de uma porca ordinária e estúpida, e, se fosse um garoto, ele a espancaria até que perdesse os sentidos.

Mas esconder os sentimentos já havia se transformado em uma reação instintiva e natural.

— É uma pena – disse ele, friamente. – Hoje é meu aniversário e eu estava me sentindo tão bem-humorado que pensei em lhe pagar 10 xelins.

Sebastian sabia que Wardell nunca pagava mais do que 6 pence a uma prostituta.

Ela fez uma expressão amuada e deslizou o olhar até seu membro masculino. E manteve os olhos fixos ali. Foi o bastante para despertar a atenção dele. E *ele* prontamente começou a crescer.

O lábio da mulher começou a tremer.

— Eu lhe disse que estava de bom humor – falou Sebastian, antes que ela começasse a rir. – Dez xelins e 6 pence, então. Nada mais. Se não gosta do que eu tenho a oferecer, posso ir a outro lugar.

— Eu espero que possa fechar os olhos – disse ela.

Ele deu um sorriso torto.

— Abertos ou fechados, tanto faz para mim. Mas eu *espero* que valha o meu dinheiro.

Ele conseguiu o que queria, e ela não fechou os olhos, mas demonstrou todo o entusiasmo que um homem poderia desejar.

Havia uma lição de vida naquilo, refletiu Sebastian mais tarde, e ele a aprendeu tão rápido quanto todas as outras.

Dali em diante, decidiu que adotaria o seguinte lema de Horácio: “Ganha dinheiro honestamente, se puderes; senão, como puderes.”

A partir do momento em que chegou a Eton, as únicas notícias que Sebastian recebia de casa eram bilhetes com uma única frase que acompanhavam o dinheiro enviado a cada trimestre. O secretário do pai os escrevia.

Quando estava quase no fim do período de estudos na escola, ele recebeu uma carta de dois parágrafos que descrevia os planos para seus estudos em Cambridge.

Sebastian sabia que Cambridge era uma boa universidade, considerada por muitos mais progressista que a monástica Oxford.

Sabia também que não fora por esse motivo que seu pai havia escolhido Cambridge. Os Ballisters estudavam em Eton e Oxford praticamente desde a fundação dessas instituições. Mandar o filho para qualquer outro lugar era o ato mais próximo de deserdá-lo que lorde Dain podia cometer.

Aquilo anunciava ao mundo que Sebastian era uma mancha imunda no brasão da família.

O que, quase certamente, ele era.

Não apenas agia como um monstro – embora nunca o fizesse de maneira tão crassa diante de autoridades que podiam expulsá-lo da instituição –, como também se tornara um, fisicamente: já tinha bem mais de 1,80 metro de altura, e cada centímetro seu exalava uma brutalidade sombria.

Passou a maior parte do tempo em Eton certificando-se de que seria lembrado como um monstro. Orgulhava-se de pessoas decentes terem-no apelidado de “o flagelo e a perdição dos Ballisters”.

Até então, lorde Dain não dera qualquer indicação de que percebia ou se importava com o que o filho fazia.

A carta sucinta provou o contrário. Sua senhoria desejava castigar e humilhar o filho, enxotando-o para uma universidade onde nenhum Ballister jamais colocara os pés.

Mas o castigo acabou chegando tarde demais. Sebastian havia aprendido muitas formas de responder a tentativas de controlá-lo,

puni-lo e constrangê-lo. Descobrira que o dinheiro, em muitos casos, era mais eficaz que a força física.

Agindo de acordo com o lema de Horácio, ele duplicou, triplicou e quadruplicou sua mesada em jogos de azar e apostas. Gastava metade dos seus ganhos com mulheres, outros vícios e aulas particulares de italiano – porque não queria que ninguém imaginasse que sua mãe era um de seus pontos fracos. Além disso, tinha planejado comprar um cavalo de corrida com a outra metade do dinheiro.

Sebastian respondeu à carta, recomendando que o pai usasse o dinheiro para enviar um garoto que realmente precisasse de estudos a Cambridge, pois o conde de Blackmoor iria para Oxford e pagaria a universidade com o próprio dinheiro.

Em seguida, apostou numa luta as economias destinadas à compra do cavalo de corrida.

O dinheiro que ganhou com a aposta vencedora – e a influência exercida pelo tio de Wardell – levou Sebastian a Oxford.

Sebastian estava com 24 anos quando recebeu as primeiras notícias de casa após o envio daquela carta. A mensagem de um parágrafo anunciava a morte do pai.

Junto com o título, o novo marquês de Dain herdava uma enorme quantidade de terras, mansões – incluindo Athcourt, a magnífica e antiquíssima propriedade nas fronteiras de Dartmoor – e todas as hipotecas e dívidas que vieram com elas.

Seu pai havia deixado as finanças da família em um estado deplorável, à beira da falência, e Sebastian não tinha a menor dúvida quanto ao motivo. Incapaz de controlar o filho, o falecido marquês estava determinado a arruiná-lo.

Mas, se o velho estava sorrindo do outro lado, esperando que o quarto marquês de Dain fosse arrastado até a prisão mais próxima, então ele esperaria por muito, muito tempo.

Sebastian já havia descoberto o mundo dos negócios e empenhou seu cérebro e sua coragem para dominá-lo. Faturava ou ganhava em apostas cada centavo de sua renda, o que lhe permitia viver confortavelmente. No processo, transformara mais de um empreendimento à beira da falência em um investimento lucrativo.

Lidar com os problemas financeiros deixados pela mesquinhez do pai foi brincadeira de criança para ele.

Vendeu tudo o que não fosse inalienável, quitou as dívidas, reorganizou o sistema financeiro defasado, dispensou o secretário, o administrador das propriedades e o representante legal da família, substituiu-os por funcionários inteligentes e disselhes exatamente o que esperava deles.

Então, saiu para uma última cavalgada pelos charcos e pradarias que não via desde criança e partiu para Paris.

CAPÍTULO 1

Paris – Março de 1828

— Não. Não pode ser – sussurrou Sir Bertram Trent, consternado. Com os olhos azuis arregalados pelo horror, ele pressionou a testa contra a janela que dava vista para a Rue de Provence.

— Acredito que seja, senhor – disse o criado Withers.

Sir Bertram passou as mãos pelos cachos castanhos e desgrenhados. Eram duas horas da tarde e ele havia acabado de se trocar, dispensando o robe de banho.

— Genevieve – disse ele, com a voz rouca. – Oh, meu Deus, é ela.

— É sua avó, Lady Pembury, sem dúvida. E sua irmã, a Srta. Jessica, vem com ela. – Withers conteve um sorriso. Estava reprimindo muitas coisas naquele momento. Como o desejo louco de dançar pelo quarto, gritando “aleluia”, por exemplo.

Estavam salvos, pensou ele. Com a Srta. Jessica aqui, os problemas logo seriam resolvidos. Ele havia se arriscado bastante quando decidiu escrever para ela, mas era algo que tinha que ser feito.

Pelo bem da família.

Sir Bertram andara com companhias malignas. Os mais malévolos companheiros em toda a Cristandade, na opinião de Withers: um bando de arruaceiros degenerados comandado por aquele monstro, o quarto marquês de Dain.

Mas a Srta. Jessica logo daria um fim naquilo, assegurou o criado idoso a si mesmo enquanto rapidamente atava os nós do lenço que sua senhoria usava no pescoço.

A irmã de Sir Bertram, que já contava 27 anos, havia herdado a aparência encantadora da avó viúva: cabelos sedosos, tão negros que pareciam azulados, olhos amendoados e cinzentos, feições de alabastro e uma figura graciosa – características que, no caso de Lady Pembury, mostraram-se imunes aos efeitos do tempo.

Mais importante, segundo o pragmático Withers, a Srta. Jessica herdara o raciocínio, a agilidade física e a coragem do falecido pai.

Sabia cavalgar, tinha talento para a esgrima e atirava com tal precisão que se equiparava à dos melhores. Na realidade, no caso das pistolas, ela tinha a melhor pontaria de toda a família, e isso era digno de respeito. Durante dois breves casamentos, sua avó tivera quatro filhos com o primeiro marido, Sir Edmund Trent, e outros dois com o segundo, o visconde de Pembury. Tanto suas filhas quanto seus filhos geraram meninos em abundância. Mesmo assim, nenhum daqueles portentosos cavalheiros conseguia atirar melhor que a Srta. Jessica. Ela era capaz de arrancar a rolha de uma garrafa de vinho a vinte passos de distância – e o próprio Withers a vira fazer isso.

O criado não se incomodaria em vê-la arrancar a cigarreira das mãos de lorde Dain com um tiro. O brutamontes era uma abominação, uma desgraça para seu país, um patife desocupado cuja consciência não era maior que a de uma barata. Ele havia atraído Sir Bertram – que, lamentavelmente, não era o mais esperto dos homens – para seu círculo nefasto e pela estrada íngreme que o levaria à ruína. Mais alguns meses com lorde Dain, e Sir Bertram iria à falência – se as infundáveis noites de devassidão não o matassem antes.

Mas não haveria “mais alguns meses”, refletiu Withers, confiante, enquanto conduzia sua senhoria relutante até a porta. A Srta. Jessica daria um jeito em tudo. Ela sempre conseguia.

Bertie conseguiu fingir um misto de alegria e surpresa quando viu as duas. No instante em que a avó se retirou para repousar em seus aposentos, entretanto, ele puxou Jessica até o que parecia ser a sala de visitas do estreito – e dispendioso, ela refletiu irritada – *appartement*.

— Que o diabo a carregue, Jess. O que significa isso? – ele exigiu saber.

Jessica pegou os jornais de esportes empilhados numa poltrona ao lado da lareira, jogou-os por sobre a grade e deixou o corpo cair com um suspiro na maciez das almofadas.

O trajeto percorrido de Calais até Paris tinha sido longo, empoeirado e cheio de solavancos.

Achava que, graças às condições abomináveis das estradas francesas, seu traseiro já devia estar cheio de hematomas.

Ela desejava aplicar uma bela sova no traseiro do irmão. Infelizmente, embora fosse dois anos mais novo, ele era mais alto e mais forte. Os dias em que ela o espetava com um galho, obrigando-o a colocar a cabeça no lugar, já faziam parte de um passado distante.

— É um presente de aniversário – disse ela.

As feições pálidas e de aparência doentia de Bertie se iluminaram por um momento, e seu sorriso idiota, familiar e afável apareceu.

— Eu agradeço, Jess, é muito gentil... – E então o sorriso se desfez e ele franziu o cenho. – Mas meu aniversário é em julho. Não vá me dizer que você pretende ficar até...

— Estou me referindo ao aniversário de Genevieve – esclareceu ela.

Uma das muitas excentricidades de Lady Pembury era sua insistência para que seus filhos e netos se dirigissem e se referissem a ela pelo primeiro nome. “Sou uma mulher”, rebatia ela aos que protestavam que essa terminologia era desrespeitosa. “Tenho um nome. Mamãe, vovó...”, dizia ela, estremeando delicadamente, “é tão *anônimo*.”

A expressão de Bertie se tornou mais desconfiada.

— E quando será isso?

— O aniversário dela, como você devia lembrar, é depois de amanhã. – Jessica descalçou as botas de pelica cinza, puxou a banqueta e colocou os pés sobre ela. – Queria que ela se divertisse um pouco.

Faz muito tempo que não vem a Paris, e as coisas não vão muito bem em casa. Algumas tias andaram comentando a ideia de trancá-la num manicômio. Não que eu me surpreenda. Elas nunca a entenderam. Sabia que ela recebeu três propostas de casamento só no mês passado? Acredito que o Número Três tenha sido a gota d'água. Lorde Fangiers tem 34 anos. A família acha isso constrangedor.

— Bem, não é exatamente digno na idade dela.

— Ela não está morta, Bertie. Por que deve se comportar como se estivesse? Se ela quiser se casar com o garçom da taberna, isso é problema dela. – Jessica lançou um olhar perscrutador na direção

do irmão. – Claro, seu novo marido tomaria o controle do patrimônio dela. Ouso dizer que isso preocupa a todos.

Bertie ficou ruborizado.

— Não precisa me olhar desse jeito.

— Não? Você parece estar bem preocupado. Talvez pensasse que ela o livraria das suas dificuldades.

Ele deu um puxão no lenço.

— Não estou em dificuldades.

— Ah, então acho que eu é que estou. De acordo com seu administrador, quitar as suas dívidas vai me deixar com exatamente 47 libras, 6 xelins e 3 pence para passar o resto do ano. Ou seja, terei que voltar a viver com meus tios e tias... ou trabalhar. Por dez anos fui babá dos filhos deles sem qualquer compensação. Não pretendo fazer isso nem por mais dez segundos. Sobra o trabalho.

Os olhos azuis e pálidos de Bertie se arregalaram.

— Trabalho? Você quer dizer... *ganhar um salário?*

— Não vejo alternativa aceitável – assentiu ela.

— Ficou louca, Jess? Você é uma *garota*. Encontre um marido. Alguém com os bolsos gordos.

Como Genevieve fez. Duas vezes. Você é bonita como ela. Se não fosse tão exigente...

— Mas sou – disse ela. – Felizmente, posso me dar ao luxo de ser assim.

Jessica e Bertie ficaram órfãos muito jovens e foram criados por tias, tios e primos que mal conseguiam sustentar suas próprias proles. A família poderia ter tido uma vida confortável se não houvesse tanta gente. Mas Genevieve vinha de uma linhagem de reprodutores prolíficos, especialmente em relação a ter filhos varões – e seus próprios filhos e netos herdaram o talento.

Essa era uma das razões pelas quais Jessica recebia tantas propostas de casamento – cerca de seis por ano, mesmo agora, quando já devia estar resguardada, usando a touca de solteirona. Mas ela preferia ser enforcada a se casar e se transformar na égua reprodutora de um pateta rico e cheio de títulos – ou a usar uma touca cafona como aquela.

Tinha talento para encontrar tesouros em leilões e antiquários e para vendê-los com um lucro considerável. Embora não ganhasse

uma fortuna, nos últimos cinco anos Jessica conseguiu comprar as roupas e os acessórios elegantes que usava, em vez de vestir as peças descartadas pelos parentes.

Era uma forma modesta de independência. E queria mais. Passara o ano anterior inteiro planejando o que faria para ganhar mais.

Jessica finalmente havia economizado o bastante para alugar a própria loja e começar a enchê-la de mercadorias. Seria elegante e exclusiva, dedicada a uma clientela de elite. Depois de muito tempo lidando com a alta sociedade, ela passara a compreender a natureza dos ricos e indolentes – não somente o que gostavam, mas também os métodos mais eficientes de atraí-los.

Pretendia colocar o plano em prática quando conseguisse arrancar seu irmão da confusão em que havia se metido. Em seguida, garantiria que os problemas dele nunca mais perturbassem a vida regrada e ordenada que Jessica tinha. Bertie era um palerma irresponsável, um desmiolado indigno de confiança. Ela estremecia ao imaginar o que o futuro lhe reservava se continuasse a depender dele para qualquer coisa.

— Você sabe muito bem que eu não preciso me casar por dinheiro – disse ela. – Apenas preciso abrir a loja. Já escolhi o lugar e economizei o bastante para...

— Aquela ideia maluca de montar uma loja de quinquilharias? – gritou ele.

— Não é uma loja de quinquilharias – disse ela, calmamente. – Como já lhe expliquei uma dúzia de vezes...

— Não vou deixar que você abra uma loja. – Bertie se levantou. – Nenhuma irmã minha vai entrar no comércio.

— Eu adoraria saber o que você vai fazer para me impedir – respondeu ela.

Ele contorceu o rosto em uma careta ameaçadora.

Jessica se recostou na cadeira e o observou com um olhar contemplativo.

— Ora, Bertie, você parece um porco, apertando os olhos desse jeito. De fato, você engordou como um desde a última vez que o vi. Pelo menos 12 quilos. Talvez uns 15 ou mais. – Ela baixou

o olhar. – E está tudo na sua barriga, pelo que parece. Você me faz lembrar o rei.

— Aquela *baleia*?! – gritou ele. – Não, nada disso. Retire o que disse, Jess.

— Ou o quê? Vai se sentar em cima de mim? – Ela riu.

Bertie deu as costas para ela e jogou-se no sofá.

— Se eu fosse você – disse ela –, me preocuparia menos com o que minha irmã diz e faz e pensaria no meu próprio futuro. Sei cuidar de mim mesma, Bertie. Mas você... Bem, acho que você é que devia se casar com alguém com os bolsos gordos.

— O casamento é para covardes, tolos e mulheres – respondeu ele.

Ela sorriu.

— Isso parece o tipo de coisa que um imbecil bêbado anunciaria para outros logo antes de cair de cara na vasilha de ponche, em meio às costumeiras galhofas masculinas sobre fornicação e processos excretórios.

Jessica não esperou que Bertie revirasse o cérebro tentando encontrar as definições daquelas palavras.

— Eu sei muito bem o que os homens acham engraçado – disse ela. – Já morei com você e ajudei a criar dez primos homens. Bêbados ou sóbrios, eles gostam de piadas sobre o que fazem, ou o que têm vontade de fazer, com as mulheres, e possuem verdadeira fascinação por atos como soltar gases, mijar e...

— Mulheres não têm senso de humor – disse Bertie. – Não precisam disso. O Todo-Poderoso as criou como um gracejo para os homens. Daí é possível deduzir logicamente que o Todo-Poderoso é uma mulher.

Ele pronunciou as palavras de maneira lenta e cuidadosa, refletindo o esforço que precisou fazer para memorizá-las.

— De onde veio esse pendor para a profundidade filosófica, Bertie?

— Como é?

— Quem lhe falou tudo isso?

— Não foi um imbecil bêbado, Srta. Irônica Zombeteira – disse ele, amuado. – Posso não ter o melhor cérebro do mundo, mas acho que ainda consigo identificar um imbecil. E não é o caso de Dain.

— Com certeza, não. Parece um homem muito esperto. O que mais ele tem a dizer, querido?

Houve uma longa pausa enquanto Bertie tentava decidir se a irmã estava sendo irônica ou não.

Como sempre, ele errou em seu julgamento.

— Bem, ele é inteligente, Jess. Eu devia ter imaginado que você reconheceria isso. O que ele diz...

Ora, o cérebro dele está sempre funcionando, a quilômetros por hora. Não sei como ele consegue.

Ele não come muito peixe, então não pode ser por isso.

— Imagino que ele use gim como combustível – resmungou Jessica.

— Como é?

— Eu disse que suponho que o cérebro dele seja imbatível.

— Deve ser – disse Bertie. – E não digo isso só por dizer. Ele tem um cérebro focado no dinheiro, também. Sabe fazer a Bolsa de Valores dançar conforme a música dele, é o que dizem por aí. Mas a única música que Dain toca é o barulho das moedas. E estou falando de um barulhão, Jess.

Ela não tinha por que duvidar. Pelo que sabia, o marquês de Dain era um dos homens mais ricos da Inglaterra. Podia desfrutar de qualquer extravagância irresponsável. E o pobre Bertie, que não tinha condições de bancar nem as modestas, estava tomado por um desejo incontrolável de imitar o ídolo.

Pois certamente se tratava de idolatria, como Withers tinha afirmado de maneira quase incoerente na carta que enviara. O fato de Bertie ter forçado suas parcas faculdades mentais a ponto de *memorizar* o que Dain dizia era uma prova inabalável de que o criado não havia exagerado.

Lorde Dain tinha se tornado o senhor do universo de Bertie... e o estava levando direto para o inferno.

Lorde Dain não ergueu os olhos quando a sineta do balcão da loja tocou. Não se importava com quem seria o novo cliente, e Champtois, seu fornecedor de antiguidades e curiosidades artísticas, não deveria se importar também, porque o cliente mais importante de Paris já havia entrado em sua loja.

Como era o mais importante, Dain esperava e recebia a atenção exclusiva do proprietário. Champtois não somente não olhou para a porta, como também não fez qualquer menção de ver, ouvir ou pensar em qualquer coisa que não estivesse relacionada ao marquês de Dain.

Ser indiferente, infelizmente, não é o mesmo que ser surdo. A sineta ainda não havia parado de retinir quando Dain ouviu uma voz masculina familiar resmungando com sotaque inglês e uma feminina que não conhecia murmurando em resposta. Não conseguiu identificar as palavras. Pelo menos uma vez Bertie Trent conseguiu manter a voz abaixo do seu suposto “sussurro” – que podia ser ouvido do outro lado de um campo de futebol.

Ainda assim, era Bertie Trent, o maior bobalhão do planeta, o que significava que lorde Dain precisaria adiar sua própria transação. Não tinha qualquer intenção de conduzir uma negociação enquanto Trent estivesse por perto, dizendo, fazendo e observando tudo o que era calculado para elevar o preço enquanto delirava sob a impressão de que estava ajudando a baixá-lo.

— E eu digo que... – veio a voz grave. – Aquele ali não é... Ora, por Júpiter, é, sim.

Tum. Tum. Tum. Passos pesados se aproximavam.

Lorde Dain reprimiu um suspiro, virou-se e olhou duramente para aquele que o infortunava.

Trent parou onde estava.

— Bem, não quis interromper, especialmente quando um companheiro está regateando com Champtois – disse ele, fazendo um movimento com a cabeça na direção do proprietário. – Como eu estava contando a Jess há pouco: deve-se manter a cabeça fria e cuidar para que não ofereça mais da metade do que está disposto a pagar. E não se deve esquecer do que significa “metade” e “dobro” quando tudo está em francos e soldos, ou seja lá como se chamam essas moedas francesas, e multiplicar e dividir outra vez para encontrar o valor em libras, xelins e pence. Não entendo por que não fazem logo as coisas de forma apropriada, exceto talvez por quererem exasperar um homem.

— Acho que já falei antes, Trent: você poderia se exasperar menos se não perturbasse o equilíbrio da sua delicada constituição

exercendo o ato de *calcular* – disse Dain.

Ele ouviu um farfalhar e um som abafado em algum lugar acima à esquerda. Desviou o olhar até lá. A mulher que murmurava estava curvada sobre o mostruário de joias. A loja era incrivelmente mal iluminada – o que era proposital, a fim de que os clientes tivessem dificuldade de avaliar as mercadorias. Tudo o que Dain conseguiu perceber era que a mulher usava sobrecasaca azul e uma daquelas horríveis toucas com aba decorada que estavam na moda.

— Eu recomendo – prosseguiu ele, com os olhos na mulher – que você resista à tentação de fazer contas se estiver interessado em um presente para sua *chère amie*. As mulheres vivem num mundo matemático superior ao dos homens, especialmente quando se trata de presentes.

— Isso acontece, Bertie, porque o cérebro feminino alcançou um estado mais avançado de desenvolvimento – respondeu a mulher, sem erguer os olhos. – As mulheres reconhecem que a escolha de um presente requer o equilíbrio entre uma equação moral, psicológica, estética e sentimental que é extremamente complicada. Eu não recomendaria que um reles homem tentasse se envolver no delicado processo de balancear essa equação, especialmente pelo método primitivo de *calcular*.

Por um momento desconcertante, lorde Dain teve a impressão de que alguém havia acabado de enfiar sua cabeça na latrina. Seu coração começou a bater mais forte e sua pele ficou arrepiada, levemente suada, como ocorrera naquele dia inesquecível em Eton, 25 anos antes.

Ele disse a si mesmo que seu café da manhã não devia ter lhe feito bem. Talvez a manteiga estivesse rançosa.

Era impensável que aquela desprezível réplica feminina o tivesse afetado. Não havia a menor possibilidade de ele se sentir desconcertado por essa mulher de língua afiada que devia ser, como presumiu inicialmente, uma vagabunda desmazelada com quem Bertie estivera na noite anterior.

O sotaque dela denunciava que era uma dama. Pior ainda – se fosse possível haver espécie pior de ser humano –, ela era, pelo que parecia, uma intelectual. Em toda a sua vida, lorde Dain nunca encontrara uma mulher que soubesse o que era uma equação, e

menos ainda uma que soubesse que equações eram passíveis de balanço.

Bertie se aproximou e, com seu sussurro espalhafatoso, perguntou: – Faz alguma ideia do que ela disse, Dain?

— Sim.

— E o que foi?

— Homens são brutos e ignorantes.

— Tem certeza?

— Absoluta.

Bertie soltou um suspiro e olhou para a mulher, que continuava fascinada pelo conteúdo do mostruário.

— Você prometeu que não insultaria meus amigos, Jess.

— Não imagino como possa ter feito isso, já que não encontrei nenhum.

Ela parecia estar tramando algo. A touca que ela usava, com todos aqueles laços e flores que a decoravam, inclinou-se de um lado para outro enquanto ela estudava o objeto de seu interesse, observando-o a partir de vários ângulos.

— Bem, quer conhecer um deles? – perguntou Trent, impaciente. – Ou vai ficar aí olhando esse monte de porcarias o dia todo?

Ela endireitou a postura, mas não se virou.

Bertie pigarreou.

— Jessica – disse ele, com determinação. – Dain. Dain... Que diabos, Jess. Não consegue tirar os olhos desse lixo por um minuto?

Ela se virou.

— Dain. Esta é minha irmã.

Quando Jessica ergueu os olhos, um calor feroz, lépido, varreu o corpo de lorde Dain, do alto da sua cabeça à ponta das suas botas lustradas com champanhe. O calor imediatamente deu lugar a um suor frio.

— Meu senhor – disse ela, com um breve aceno de cabeça.

— Srta. Trent – respondeu ele. E não conseguiria mais proferir uma única sílaba, mesmo que sua vida dependesse disso.

Sob a aba daquela touca horrorosa havia uma oval perfeita de porcelana branca e feições impecáveis. Cílios grossos e negros emolduravam olhos cinzentos como a prata, levemente inclinados

para cima harmonizando com as linhas das maçãs do rosto. Seu nariz era reto e delicadamente esguio, a boca suave e rosada, um pouco mais carnuda do que ele gostaria.

Jessica Trent não possuía a beleza clássica inglesa, mas era perfeita e, como não era cego nem ignorante, lorde Dain reconhecia qualidade quando a encontrava.

Se ela fosse uma peça de porcelana de Sèvres, uma pintura a óleo ou uma tapeçaria, ele a compraria imediatamente, sem reclamar do preço.

Por um instante insano, enquanto contemplava a ideia de lambê-la da testa de alabastro até as pontas dos dedos dos pés, ele imaginou qual seria o preço daquela mulher.

Mas, pelo canto do olho, viu seu próprio reflexo no vidro.

Seu rosto sombrio era severo e duro, a própria face de Belzebu. No caso de Dain, o livro podia muito bem ser julgado pela capa, pois ele também era severo e duro por dentro. Tinha a alma típica de Dartmoor, onde o vento soprava com força e a chuva castigava as rochas cinzentas e impiedosas, enquanto o belo gramado se revelava poços de areia movediça capazes de engolir um boi por inteiro.

Qualquer idiota era capaz de enxergar as placas de advertência: “ABANDONAI TODA A ESPERANÇA VÓS QUE AQUI ENTRAIS”, ou, indo direto ao ponto, “PERIGO. AREIA MOVEDIÇA”.

Da mesma forma, a criatura diante dele era uma dama e nenhuma placa avisava que se devia manter distância. “Damas”, no Dicionário de Dain, estavam listadas sob os verbetes “Praga”, “Peste”

e “Fome”.

Quando recobrou a razão, descobriu que devia ter fixado o olhar nela durante algum tempo, porque Bertie – evidentemente entediado – se virara para observar um conjunto de soldadinhos de madeira.

Dain logo se recompôs.

— Não é sua vez de falar, Srta. Trent? – perguntou ele num tom de deboche. – Não ia fazer um comentário sobre o tempo? Acredito que seja a maneira apropriada de se iniciar uma conversa.

— Seus olhos – disse ela, com o olhar firme – são muito negros. Parecem ser de um castanho bem escuro. Mesmo assim, a ilusão é... esmagadora.

Houve uma rápida sensação de ser apunhalado perto do diafragma ou na barriga, ele não conseguiu saber onde.

Sua compostura não vacilou nem um milímetro. Tinha aprendido a mantê-la mesmo nas piores situações.

— A conversa avançou para o lado pessoal com uma rapidez impressionante – argumentou ele. – Você está fascinada pelos meus olhos.

— Não consigo evitar – respondeu ela. – São extraordinários. Tão *negros*. Mas não queria que se sentisse desconfortável.

Com um sorriso sutil, ela voltou a observar o mostruário de joias.

Dain não tinha certeza do que era exatamente, mas não duvidava de que havia mesmo algo de errado com ela. Ele era Belzebu em pessoa, não era? Ela devia ter desmaiado ou recuado horrorizada, pelo menos. Mas ela o olhara com uma altivez sólida como o bronze, e pareceu, por um momento, que aquela criatura na verdade estava *flertando* com ele.

Ele decidiu ir embora. Poderia refletir sobre aquela incoerência longe dali. Estava indo em direção à porta quando Bertie se virou e veio rapidamente em seu encalço.

— Você conseguiu se livrar com facilidade – sussurrou Trent alto o bastante para que suas palavras fossem ouvidas em Notre Dame. – Eu tinha certeza de que ela o rasgaria ao meio, e é isso que ela vai fazer se deixar, sem se importar com quem você é. Não que você não consiga lidar com ela, mas Jessica é capaz de dar dor de cabeça a um homem, e se você estava pensando em sair para beber...

— Champtois acabou de receber um autômato que você vai achar bem intrigante – interrompeu Dain. – Por que não pede que ele dê corda no boneco para ver o que ele faz?

O rosto quadrado de Bertie se iluminou de alegria.

— Um daqueles... Como é que se chama mesmo? Sério? O que ele faz?

— Por que não vai lá olhar? – sugeriu Dain.

Bertie trotou até o dono da loja e começou a tagarelar com um sotaque que qualquer parisiense consideraria uma justificativa plausível para cometer um homicídio.

Após distrair Bertie da sua aparente intenção de segui-lo, lorde Dain precisava apenas de mais alguns passos para sair. Mas seu olhar foi atraído novamente pela Srta. Trent, que mais uma vez mostrava-se encantada por algo no mostruário de joias. Mordido pela curiosidade, ele hesitou.

CAPÍTULO 2

Mesmo com o zunido e os estalidos do autômato, Jessica ouviu claramente a hesitação do marquês, como se fosse o trompete que marca o início da batalha. Em seguida, ele marchou. Passos ousados e arrogantes. Resolveu o que faria e avançava com a artilharia pesada.

Dain *era* artilharia pesada, pensou ela. Nada que Bertie ou qualquer outra pessoa tivesse lhe dito poderia prepará-la o suficiente. Cabelos negros como carvão, olhos negros e ousados e um nariz enorme e avassalador, além da sensualidade taciturna daquela boca – apenas o rosto já indicava uma linhagem direta que remontava ao próprio Lúcifer, de acordo com Withers.

Já o corpo...

Bertie contara que Dain era um homem muito grande, então ela imaginou algo parecido com um gorila. Não estava preparada para um garanhão: grande e de proporções esplêndidas, vigorosamente musculoso, se o que suas calças justas delineavam indicassem a realidade. Ela não deveria olhar para *lá*, mesmo que fosse apenas por um instante, mas um físico como aquele exigia atenção e a atraía para... todos os lugares. Depois daquele momento tão inapropriado para uma dama, Jessica precisou de toda a sua força de vontade para manter o olhar firme no rosto dele. Mesmo assim, ela só conseguiu realizar essa proeza porque receava perder o pouco que restava de sua razão... e fazer algo horrivelmente escandaloso.

— Muito bem, Srta. Trent – soou aquela voz profunda, de algum lugar acima do ombro direito de Jessica. – A senhorita atiçou minha curiosidade. Que diabos encontrou aí dentro que possa ser tão encantador?

A cabeça dele podia estar distante da dela, mas o restante daquele corpo rígido estava muito próximo. Ela sentiu o cheiro do charuto que ele fumara havia pouco. E uma sutil – e excessivamente cara – água-de-colônia masculina. O corpo dela foi tomado de novo pelo calor lento que sentira alguns momentos antes e do qual ainda não tinha se recuperado por completo.

Ela precisaria ter uma longa conversa com Genevieve, disse a si mesma. Essas sensações não podiam ser o que Jessica suspeitava.

— O relógio – disse ela, serena. – Aquele com a imagem da mulher de vestido cor-de-rosa.

Dain se aproximou e se curvou para observar o mostruário.

— Aquela que está sob a árvore? É esse relógio?

Ele colocou a mão encoberta por uma luva cara sobre o mostruário, e toda a saliva se evaporou da boca de Jessica. Mãos grandes e poderosas. Ela se deu conta de que aquela mão poderia erguê-la do chão sem dificuldades.

— Sim – disse ela, resistindo ao desejo de passar a língua pelos lábios secos.

— A senhorita quer examiná-lo mais de perto, tenho certeza.

Dain estendeu a mão, pegou a chave que estava pendurada numa das vigas de sustentação da parede, foi até a parte de trás do mostruário, destrancou-o e pegou o relógio.

Champlois não deixaria de perceber aquela audácia, mas não emitiu uma única sílaba. Jessica olhou para trás. Parecia que ele estava bastante envolvido num diálogo profundo com o irmão.

“Parecia” era o termo adequado. Era quase impossível ter o que se entende como conversa, quando o interlocutor era Bertie. Uma conversa *profunda* – e em francês – estava fora de questão.

— Talvez seja melhor eu lhe mostrar como essa coisa funciona – disse o lorde, forçando-a a se concentrar nele outra vez.

Jessica reconheceu naquela voz grave o tom inocente que costuma preceder a típica ideia idiota que atravessa a mente de um homem ao pensar em um gracejo. Ela podia ter lhe explicado que, como não era nenhuma criança, sabia muito bem como o relógio funcionava. Mas o brilho naqueles olhos negros denunciava que Dain estava se divertindo bastante, e ela não queria estragar isso. Pelo menos, não ainda.

— Que gentil – murmurou ela.

— Quando se gira este botão – disse ele, fazendo a demonstração –, como pode ver, as saias dela se abrem e ali, entre as pernas, está um... – Ele fingiu observar o relógio mais atentamente. – Santo Deus, isso é indecoroso. Creio que há um

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Canalhas 1 - O príncipe dos canalhas" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).